

A Rede Antissocial

O *short squeeze* da GameStop e o grupo desordeiro de traders amadores que desarmou *Wall Street*

Ben
Mezrich



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR	IX
PARTE UM	1
Capítulo um	3
Capítulo dois	9
Capítulo três	19
Capítulo quatro	29
Capítulo cinco	43
Capítulo seis	55
Capítulo sete	65
Capítulo oito	75
Capítulo nove	87
Capítulo dez	95
Capítulo onze	103
PARTE DOIS	113
Capítulo doze	115
Capítulo treze	119

Capítulo catorze	127
Capítulo quinze	137
Capítulo dezesseis	149
Capítulo dezessete	157
Capítulo dezoito	167
Capítulo dezenove	175
Capítulo vinte	185
Capítulo vinte e um	191
Capítulo vinte e dois	203
PARTE TRÊS	213
Capítulo vinte e três	215
Capítulo vinte e quatro	225
Capítulo vinte e cinco	237
Capítulo vinte e seis	245
Capítulo vinte e sete	249
Capítulo vinte e oito	267
Capítulo vinte e nove	273
DEPOIS	279
AGRADECIMENTOS	283
SOBRE O AUTOR	285
ÍNDICE	287

CAPÍTULO UM

26 de janeiro de 2021

Quatro horas e oito minutos da tarde. Um escritório com paredes de vidro no décimo segundo andar de um arranha-céu na Madison Avenue. Deserto, desocupado, as luzes tênues, as mesas de operações vazias alinhadas e sem vida, como soldados terracota de alta tecnologia, cadeiras empilhadas e terminais *Bloomberg* escuros. Um lugar que, há um ano, estaria cheio, em plena atividade; o coração batendo, pulsante, no centro de um dos mais poderosos e bem-sucedidos hedge funds no mundo. Agora, quieto — junto com todos os outros escritórios em todos os outros arranha-céus no alfineteiro que era Nova York.

A 1.900km de distância, amarrado àquele núcleo em repouso por um sistema de torres celulares, de alguma forma ainda funcionando, satélites e cabos de fibra ótica, o mundo de Gabe Plotkin estava chegando ao fim.

“Isso não pode estar acontecendo.”

Sua camisa social Oxford, feita sob medida, estava encharcada e sua gravata parecia um laço em volta do pescoço, movendo-se para cima e para baixo com cada batida de seu pulso, subitamente ace-

lerado. Já havia retirado o paletó, jogado em um dos cantos de sua cadeira, mas não fez diferença alguma. Se estivesse em sua mesa, naquele escritório na Madison Avenue, ao invés de preso no quarto de visitas de sua casa alugada na pandemia, na Flórida, estaria fazendo menos um grau do lado de fora da janela panorâmica atrás dele — o tipo de vista que era geralmente reservada para banqueiros de Wall Street, ainda cambaleantes, apesar do tráfego escasso serpenteando o alfineteiro e as calçadas vazias pós-Covid — e ele teria ligado o aquecedor na maior temperatura possível.

Mas aqui, na Flórida, rios de suor desciam pela nuca e umedeciam a bainha das meias de padrão vivo.

“Impossível.”

Os olhos de Gabe lacrimejaram enquanto olhava a tela do computador à sua frente. O gráfico na tela era inconcebível — e ainda assim, ali estava, uma montanha pontiaguda que se erguia como o Evereste, onde nenhuma montanha deveria existir. Mesmo enquanto ele observava, segundos indo embora na parte inferior da tela, mapeando os primeiros minutos do trading das horas extras de uma terça-feira comum — aquela montanha crescia diante de seus olhos, *exponencialmente*, mais e mais íngreme, ameaçando explodir pelo topo da sua maldita tela.

“Desastroso.”

Gabe se inclinou para trás na cadeira, perplexo. Ele tinha visto trades perderem o valor antes; inferno, ele esteve no negócio por tempo suficiente para saber que as firmas realmente bem-sucedidas eram definidas por como se lida com situações de falha, não como se celebra quando as coisas vão bem. Como qualquer trader, ele tinha aprendido isso da forma mais difícil.

Quatorze anos atrás, Gabe era um recém-contratado da *S.A.C Capital Advisers*, de Steve Cohen — naquele tempo, um dos mais comentados gigantes financeiros, US\$16 bilhões sob gestão. O *hedge fund* de melhor retorno de sua era — antes de se envolver com um escândalo de ações internas em 2013. Na *S.A.C*, Gabe pas-

sou a primeira metade de 2007 em uma corrida meteórica, transformando um *bankroll* de US\$450 milhões em um baú do tesouro de um US\$1 bilhão, marcando-o como um dos melhores traders do pedaço. A S.A.C. tinha começado a lhe dar mais e mais dinheiro para investir — quando de repente, a posição de Gabe balançou e se espantou. Ao final do verão, ele havia perdido 80% de seus investimentos. Foi um momento existencial — muitos traders teriam abandonado o emprego. Mas Gabe foi resiliente. Ergueu-se, limpou o sangue no nariz, colocou um bife gelado nos olhos feridos e surrados. Aprendeu a confiar em seu processo, continuamente reajustando sua posição em um ambiente movediço. No fim daquele ano, recuperou todos os centavos que perdeu, e mais um pouco.

Mais de seis anos depois, ele se tornou um dos melhores traders na S.A.C. Na queda da investigação do SEC, que virou a S.A.C. do avesso — deixando o próprio Steve Cohen majoritariamente intacto, mas enviando alguns de seus traders para a prisão —, chegou a hora de Gabe abrir sua própria loja. Ele rapidamente economizou US\$1 bilhão, parte vindo da nova manifestação de Cohen, *Point72*, e, após isso, Gabe nunca olhou para trás. Ele construiu um time diverso de pessoas certas, que conseguiam fazer *trade* no seu mais alto nível; pessoas humildes, mas que queriam trabalhar duro.

Oito anos depois, Melvin Capital era agora uma das luzes mais brilhantes em Street. Desde sua inauguração, em 2014, Melvin conquistou o retorno anual de 30% durante todo o ano de 2020; em 2020, a firma tinha uma rede de mais de 52%. A estrela de Gabe virou uma supernova; ele pessoalmente ganhou, segundo informações, mais de US\$800 milhões apenas no ano passado, e estava rapidamente colhendo os louros de sua crescente posição no topo da hegemonia bancária. Ele tinha posse minoritária de um time de esporte profissional, o Charlotte Hornets, o que o fazia parceiro de Michael Jordan — *Michael Jordan!* —, um de seus ídolos de infância. Um apartamento luxuoso na East Side e, claro, tinha até mesmo uma mansão à beira-mar, em Miami. Na verdade, aquela única mansão não foi grande o suficiente, então ele comprou duas mansões,

próximas uma da outra, por US\$44 milhões, com a intenção de demolir uma para abrir espaço para uma quadra de tênis, uma cabana e um parquinho para as crianças. O local vinha com um cais privado, o que significava que Gabe certamente precisaria de um barco, por que para que serve um cais sem barco? Aliás, que titã de *hedge fund* de respeito, com US\$13 bilhões sob gestão, não tinha um barco?

Mas, encarando a tela e aquele Evereste digital apontando para cima, pixel atrás de nauseante pixel, pensamentos sobre palácios em Miami, jogos informais de beisebol com Michael Jordan e o lastimável cais sem barco nem passavam pela mente de Gabe.

O que ele estava vendo não era possível, e ainda assim não tinha erro: apesar de toda lógica e razão, apesar de meses de pesquisa intensa, apesar das muitas horas desesperadoras gastas com relatórios financeiros e em ligações com analistas e experts — ele estava prestes a ter a maior perda de sua carreira.

Uma perda tão grande que poderia destruir tudo o que ele construiu — pior ainda, Gabe se preocupou, isso soaria um sino de alarme que reverberaria por toda Wall Street, com repercussões que seriam sentidas por anos à frente.

A Melvin Capital de Gabe recebeu esse nome em homenagem ao seu avô, um dono de loja de conveniência, um dos homens mais honestos e trabalhadores que ele já tinha conhecido — perdeu, supostamente, cerca de US\$5 bilhões em uma questão de dias — muito disso nas *últimas 24h*. Tudo em uma única ação, uma empresa que era quase ridícula demais para ser nomeada. Uma ação que deveria estar despencando, mas, ao contrário, estava atravessando o teto.

Gabe, um dos homens mais poderosos de Wall Street, acabara de ser vencido por alguma força invisível. Algo que ele cedo aprenderia crescia nos mais profundos e escuros cantos das redes sociais — uma revolução, disparando seu primeiro tiro em direção ao arco da classe dominante. E talvez a maior indignação de todas — o golpe de misericórdia foi dado com um único tweet, há alguns minutos, vindo do maior troll de toda a internet.

Gabe fechou seus olhos. Pensamentos de barcos, Jordan e Miami lampejaram e se misturaram como imagens em um rolo de filme que se soltava do projetor. Ele respirou fundo e desligou o computador.

Então, pegou o telefone.

Amostra

CAPÍTULO DOIS

Dezembro de 2020

Seis semanas antes e a 600km de distância, Jeremy Poe, com 22 anos de idade e parecendo um cabide que foi desenrolado e estendido para invadir um carro por uma fresta na janela, encontrava-se em uma mesa de metal, estilo institucional, em frente ao vasto salão de baile do *Washington Duke Inn and Golf Club*, se perguntando como é que as coisas tinham chegado àquele ponto.

A única coisa que sabia com certeza era que seu último ano da faculdade não deveria ser assim. Ele viu todos os filmes, leu todas as revistas. O último ano supostamente era para ir de bar em bar e festas de fraternidade, aulas de dança, talvez um romance ou dois, passar o tempo às tardes no pátio, discussões em seu quarto de dormitório que durassem a noite toda, até que a luz da manhã entrasse pela janela e seu despertador tocasse, dizendo que ele estava atrasado para a aula — mas quem se importava, de fato, porque era seu último ano, um último suspiro antes que a faculdade terminasse e o mundo real viesse, rugindo.

Em vez disso, estava parado no salão de baile com uma dezena de colegas de classe, alinhados em filas desajeitadas e socialmente dis-

tantes, abaixo dos candelabros elegantes que derramavam lágrimas de cristal. Cada jovem, como ele, esperava sua vez naquela mesa de metal assustadoramente estéril, entupida de frascos, garrafas de amostra e loção desinfetante.

Havia uma enfermeira a alguns metros de distância, vigiando Jeremy com olhos que poderiam muito bem ser azuis, ou verdes. Pelo menos Jeremy pensou que ela era uma enfermeira; usava máscara, face shield e luvas, mas várias pessoas no salão estavam usando isso, mesmo fora do campus e nas ruas de Durham. Aliás, na TV, nos noticiários e em praticamente todos os lugares também. *Ícones fashion na era da Covid*. Mas essa mulher também tinha jaleco, o que significava que provavelmente sabia o que estava fazendo. E, apesar do jeito como as luzes dos candelabros salpicavam padrões obscuros por seu face shield, Jeremy conseguia ver a impaciência em seus olhos azuis, ou verdes, ou verde-azulados.

Jeremy deu um sorriso de desculpa enquanto se preparava para a tarefa à frente. Ele não estava usando face shield e sua própria máscara estava para baixo, sob o queixo — mas só por causa daquela coisa que ele segurava na mão direita. Tinha 15cm, coberto com um tufo de algodão de aparência maléfica. Uma reviravolta cruel quanto ao palito de festa e, no pensamento de Jeremy, isso era o mais distante de uma festa que um graduando poderia ter.

Pelo menos o salão de baile em si estava ligeiramente festivo; o tapete embaixo de seus pés era luxuoso e ornamentado com padrões em vermelho e azul, e havia cortinas de veludo pesado ao redor das muitas janelas das quais se via um dos principais cursos de golfe da Carolina do Norte. E, claro, havia os candelabros, brotando do teto ridiculamente alto como águas-vivas congeladas e brilhantes, tentáculos brilhantes balançando na brisa vinda dos circuladores de ar especialmente planejados que foram colocados no perímetro da sala.

— Não é difícil — disse a enfermeira, sua voz abafada pela máscara. Basta colocar no nariz, girar algumas vezes e deixar no recipiente em cima da mesa.

Jeremy tentou pensar em algo espirituoso para responder, mas logo decidiu que o momento não era adequado. Era difícil ser carismático quando estava prestes a enfiar algo em seu nariz. Claro, era melhor do que o teste que eles costumavam usar, na primavera antes do campus ser fechado pela primeira onda da Covid. *Aquele* maldito swab era duas vezes mais longo e parecia chegar no cérebro.

Verdade seja dita, Jeremy era muito bom com conversas casuais e em fazer pessoas rirem; provavelmente tinha chances de conseguir pelo menos uma reação positiva da enfermeira se ele tivesse segurando um saca-rolhas ao invés de um palito de nariz. Por outro lado, apesar de não ser tímido, ele era peculiar, com uma personalidade idiossincrática; mesmo que tivesse feito bons amigos durante os primeiros três anos em *Duke*, ele esperava, de verdade, o último ano para construir uma estrutura social, o que foi destruído da pior forma.

Quando pensava nisso, sabia que sua peculiaridade não era inteiramente sua culpa. Sua criação tinha sido, em uma palavra, única. Não são muitos os jovens que podem dizer que cresceram em um barco, balançando pela costa da Flórida quando não estava zigzagueando entre várias ilhas caribenhas. Em grande parte de sua infância, seu caminho matinal envolvera gráficos de maré e pedágio portuário, e suas reais companhias tinha sido sua família — seu pai, sua mãe e seu irmão mais novo, Casper. Não se ganhava habilidades sociais normais em um catamarã de 13m, e, quando chegou no ensino médio, ele havia desenvolvido alguns hábitos excêntricos. Mas ele trabalhara muito em sua personalidade desde então e controlou a maior parte de sua ansiedade e de seu desconforto social.

Ainda assim, sob a circunstância mais ideal, era sempre difícil quebrar o gelo com estranhos, e essa circunstância estava longe de ser ideal. No momento, o melhor que ele podia fazer era dar um sorriso amigável.

Ele não podia dizer se a enfermeira sorriu de volta, por conta da máscara, mas contou isso como uma vitória. Então, ele focou sua atenção no swab, enfiou-o no nariz e fez um giro confiante.

* * *

Uns 20 minutos depois, as narinas de Jeremy ainda doíam enquanto ele sacudiu os resquícios de uma garoa intensa de seu moletom com capuz, chutando para fora seus tênis na entrada do apartamento econômico de um quarto, fora do campus. *Dunworthy Pines*, um extenso complexo de casas com vários andares e que não era tão chamativo quanto seu nome, que fazia com que Jeremy pensasse em uma novela diurna — pessoas bonitas atuando roteiros fantásticos enquanto se reuniam usando biquínis e *Speedos* em volta de uma piscina comunal chique. Mas não era de todo ruim. Tinha, de fato, uma piscina, e até um lago artificial, ambos os quais Jeremy podia ver através das portas de vidro corrediças no canto mais distante de sua sala de estar, se as persianas não estivessem fechadas. E o terreno em volta do lago era razoavelmente bem-cuidado, um labirinto de pequenos arbustos e árvores podadas cortado por um caminho pavimentado e de pedras, para caminhar. Ainda que *Pines* estivesse apinhado de jovens universitárias que, como Jeremy, optaram por evitar as acomodações lotadas do campus principal da faculdade, não havia nenhuma reunião acontecendo, pelo menos que ele soubesse. Eram, em grande parte, estranhos compartilhando corredores, todos se escondendo atrás de máscaras e invisíveis campos de repulsão de 1,5m, fazendo seu maldito melhor esforço de se manter reclusos.

Quando Jeremy chegara ao campus pela primeira vez, esteve bastante sozinho — o que diz muito de uma criança que cresceu em um barco. Mas então, por insistência de seu pai, ele tomou a iniciativa de criar uma bolha com alguns de seus colegas de classe que, por acaso, moravam no mesmo prédio. Karl, dois andares acima de Jeremy, era um de seus melhores amigos em *Duke*, especializado em biologia e cujo hobby era artes marciais, foi quem ensinou a Jeremy como lutar e manter um estilo de vida saudável, ajudando-o a se manter fisicamente em forma, apesar do foco na vida acadêmica. A namorada de Karl, Josie, que era melhor lutadora que Jeremy ou Karl, estudava matemática aplicada e ciência política. Seu terceiro

colega de classe, Michael, que Jeremy conheceu em sua turma avançada de álgebra linear, por acaso tinha a mesma dupla graduação de Jeremy — matemática e psicologia —, o que significava que eles tinham a predileção em comum de se sentirem miseráveis, aliada à vontade de descobrir *por que* buscavam a dita infelicidade. Entre a bolha de Jeremy, que se reunia duas vezes na semana, e a carga horária do curso, que incluía nomes extensos, tais como *estatística bayesiana* e *cinema da psicopatologia*, era quase possível esquecer que o mundo lá fora tinha parado bruscamente.

Jeremy puxou seu capuz para trás enquanto adentrava o apartamento, soltando o emaranhado de cabelos ruivos, que caiu sobre sua cabeça como um tipo halo louco, cor de cobre. Ele não ia ao barbeiro desde antes da Covid, apesar de ter tentado aparar o cabelo por conta própria algumas vezes durante os últimos meses. Pelo menos um dos benefícios de uma pandemia era que não importava a aparência, quando a maior parte da sua vida social era através de quadradinhos flutuando na tela de seu notebook. O Zoom era um ótimo equalizador e uma webcam com alta definição vencia um corte de cabelo adequado todas as vezes.

Jeremy adentrou ainda mais seu apartamento, puxando seu celular do bolso enquanto caminhava. Uma pequena luz verde em uma caixa de som, escondida a meia altura nas estantes de livro que separavam a entrada da sala de estar, disse-lhe que a mágica do bluetooth já estava dois passos à frente, e, com um toque de seu dedo, ele trouxe à vida o aplicativo de música.

Como de costume, a playlist sinalizou o começo de sua música favorita e os acordes hipercinéticos de uma música pop japonesa bem frenética espiralaram até ele, vindos da caixa de som, como pequenos anéis de confete eletrônico e invisível. Kanako Itō, com certeza, porque durante o último ano, mais ou menos, era quase sempre Kanako Itō. Seu nome real era Itō Kanako — em japonês, eles colocam o sobrenome primeiro — uma das muitas coisas que Jeremy aprendeu conforme seu amor por anime, e especificamente uma série chamada *Neon Genesis Evangelion*, crescia até uma quase obses-

são. Produções de TV japonesas eram bem conhecidas. O enredo do anime — que também incluía mangá, filmes e videogames, além dos 26 episódios originais — era incrivelmente complexo, envolvendo um apocalipse global, biorrobôs enormes batalhando contra monstros ainda maiores, misticismo, imagens judaico-cristãs e muita angústia adolescente. A série foi ainda mais incompreensível pelo fato de Jeremy tê-la assistido completa no original, em japonês, que ele não falava; mas, ainda assim, tinha concluído que era uma obra-prima absoluta e costumava pressupor que era, de fato, um milagre que algo tão bom tenha sido criado. Ele passou muitas horas tentando decodificar a história e seus temas, usando todo o recurso da internet à sua disposição — uma jornada que o levou ainda mais fundo no mundo dos animes, onde ele descobriu inúmeras outras séries como *Kaguya-sama: Love Is War*, *O Serviço de Entregas da Kiki* e a série de *visual novels* de *Science Adventure*, incluindo *Steins;Gate* e *Robotics;Notes*, tendo jogado o último sem parar — as 40 horas totais — em três ou quatro dias.

Do anime foi um pulo para a música; Kanako Itō, Kikuo, pop e metal. No fim do terceiro ano, enquanto escrevia seu trabalho de teoria numérica algébrica, ele ouviu um mesmo álbum de metal japonês mais ou menos umas quinze vezes seguidas, durante as quais ele deu repetidas pausas para dançar, deixando a música o mover como um fantoche, para fazer sua veia criativa fluir.

No momento, enquanto cruzava seu apartamento, em direção ao canto perto das portas de vidro, onde seu notebook o esperava, ele não estava dançando; mas usava sua blusa *Neon Genesis Evangelion* sob o moletom, e tinha pelo menos um volume de mangá sobre a escrivaninha de cromo e vidro, perto do teclado do computador.

A mesa em si — brilhante, simples, lustrosa, com pernas retráteis e muitos pés com rodinhas — poderia ser dublê de um robô de batalha mecanizado, em tempos de dificuldade; o irmão de Jeremy, Casper, montou toda a maldita coisa quando Jeremy se mudou para o apartamento. Era algo que levaria alguns dias para conseguir, mas Casper tinha finalizado o trabalho em uma tarde apenas. Casper era

sempre o mais prático dos dois, o que provavelmente era a razão dele ter escolhido cursar engenharia civil, enquanto Jeremy tomara a rota mais teórica. O que significa que, embora ambos se especializassem em matemática na mesma universidade, separados apenas por dois anos, eles praticamente não tinham cruzado caminhos, mesmo antes da pandemia.

Diferente de Jeremy, e apesar da Covid, Casper escolheu passar seu segundo ano em um quarto de dormitório no campus, porque queria estar mais próximo dos amigos. Pelo que Jeremy percebera desde as primeiras semanas do semestre de outono — barreira de quarentena, testes semanais e exigências de distanciamento social —, não parecia que Casper estava passando por isso muito melhor do que ele, tão isolado quanto. Não levou muito tempo para Jeremy perceber — em um dormitório cercado de colegas de classe ou em um apartamento cercado de estranhos — que uma pandemia era algo pelo qual se passava sozinho.

Sentando na cadeira em frente à mesa, ele puxou a máscara de seu queixo e a jogou na lata lixo próxima. Ele errou por um bom metro, e ouviu o tremular da máscara cirúrgica amassada aterrissando próximo a uma pilha de roupas sujas. Cedo ou tarde ele iria catar tudo e levar para a lavanderia do porão do prédio; quem sabe, talvez tivesse sorte e alguém estaria nas outras máquinas. Talvez eles conversassem presencialmente — uma atividade que ele lembrava vagamente, envolvendo uma troca real de pensamentos transformados em palavras, pensamentos que poderiam até não ter nada a ver com o coronavírus, o uso apropriado de EPI ou o ritual de testes, pensamentos comunicados sem o uso de um software de computador ou um roteador sem fio.

Ele sorriu com a ideia, então começou a apertar os botões no teclado, ligando a tela em suspensão. À sua direita, além da coleção de mangás, estava um imponente amontoado de livros didáticos de matemática, a maioria dos títulos aterrorizaria qualquer um que ele encontrasse na lavanderia, mesmo em uma universidade como *Duke*. Perto dos livros, um bloco de notas de papel pautado ama-